

**Vestibular com cotas para negros na UnB:
candidatos e aprovados nos exames**
(PRELIMINAR)

Jacques Velloso
Núcleo de Estudos para o Ensino Superior - NESUB
& Faculdade de Educação
Universidade de Brasília

Estudo apoiado pela Fundação Ford
Brasília, dezembro de 2005

Introdução*

Políticas de ações afirmativas com reserva de vagas, seja para negros, seja para estudantes oriundos da escola pública, ou para ambos, nos últimos anos vêm sendo implantadas em diversas universidades brasileiras. Na esteira da Conferência da ONU em Durban, de propostas e reivindicações do Movimento Negro (Gonçalves e Silva, 2003), e buscando aumentar o contingente negro na educação superior (Munanga, 2003), as políticas de cotas nas universidades vêm sendo objeto de intenso debate. Na crítica a essas políticas, as cotas representariam uma ruptura com a ideologia que define o Brasil como *país da mistura*, conduzindo a uma bi-polarização racial e a uma ampliação da tensão inter-racial (Fry e Maggie, 2005, p.306-7). A implantação de cotas implicaria um país de duas raças, rejeitando a mestiçagem e a democracia racial como valores positivos, podendo até aumentar o racismo na sociedade (Fry e Maggie, 2004).¹

A UnB, entendendo a política de reserva de vagas como uma forma de reduzir desigualdades sociais e raciais, em 2004 realizou seu primeiro vestibular com cotas para negros. No segundo semestre daquele ano foram oferecidas quase 2 mil novas vagas para 61 cursos de graduação, com 20% delas, em cada curso, destinadas a pessoas negras. Os outros candidatos prestaram vestibular pelo sistema tradicional, denominado sistema universal. Quase todas as vagas das cotas foram ocupadas, excetuando-se algumas como às quais se candidataram vestibulandos que não foram aprovados em exames de habilidades especiais, a exemplo de Música.²

No presente texto analisa-se o desempenho dos cotistas nesse vestibular de 2004, comparando-o ao dos demais candidatos, e discutem-se características de vestibulandos. Nas duas seções seguintes descreve-se o funcionamento do vestibular com reserva de vagas e apresentam-se os objetivos do estudo. Na quarta seção abordam-se questões de ordem metodológica e logo adiante discutem-se os resultados do estudo; trata-se inicialmente de características socioeconômicas dos cotistas e, depois, de comparações do rendimento nos exames. Uma nota final conclui o texto.

O Vestibular com cotas da UnB: como funciona

No vestibular da UnB para ingresso no 2º semestre de 2004, objeto do presente estudo, cada candidato a um curso se inscreveu num dos dois sistemas de acesso, o de cotas e o universal. Os vestibulandos do sistema de cotas se declararam negros e a aceitação de sua inscrição de decisão de comissão especificamente instituída para tal fim, que analisou dados dos candidatos e fotografia feita pela universidade no ato da inscrição, em processo que tem sido objeto de críticas como as de Ventura e Santos (2004).

* Agradeço a Egláisa Cunha e a Tatiane Porto a assistência no processamento dos dados utilizados.

¹ Veja-se também a crítica de Grin (2004).

² A proposta do estabelecimento de cotas na seleção foi originalmente apresentada por dois professores da universidade (Carvalho; Segato, 2002) e mais tarde integrada a um plano de metas para a integração social, étnica e racial da UnB. Um relato sobre a implementação inicial desse plano é encontrado em Moura (2004).

Permaneceram até a fase semi-final do concurso os candidatos que obtiveram determinada nota mínima em cada prova objetiva e, no conjunto destas, pelo menos 66 pontos (escore bruto), aplicável aos vestibulandos de ambos os sistemas de ingresso. Os cursos foram agrupados em três grandes áreas, Humanidades, Ciências e Saúde. Nas operações efetuadas para a classificação dos candidatos, as notas foram ponderadas de forma diferenciada, conforme a grande área a que pertencia o curso escolhido. As notas também foram padronizadas em relação à média global, chegando-se assim ao chamado argumento final (AF), que assume valores positivos e negativos, pois estes correspondem a desvios para mais ou para menos em relação à média.³

De modo simplificado, o AF é composto pelo escore padronizado nas provas de (a) Língua Estrangeira, (b) de Linguagens e Códigos e Ciências Sociais e (c) de Ciências da Natureza e Matemática. Na grande área de Humanidades o primeiro escore recebe peso 2, o segundo peso 6 e o terceiro peso 5. As duas outras, Ciências e Saúde, adotam um único critério de ponderação, cujos pesos para os escores nessas provas são, respectivamente, 1, 4 e 8. O argumento final é a nota que permite comparar o desempenho de todos os vestibulandos, pois a prova de Redação em Língua Portuguesa só é avaliada para os candidatos que tenham chance de ingresso em cada curso/turno e tipo de seleção (universal ou cotas para negros).

Na definição final dos vestibulandos que ingressarão na UnB, os candidatos são ordenados pelo argumento final, dentro de cada sistema de ingresso e de curso/turno. São aprovados, em cada curso, os “n” primeiros colocados em cada sistema, conforme o respectivo número de vagas. Como ilustração, tomemos o curso de Ciências Sociais, para o qual foram oferecidas 60 vagas, das quais 12 para os vestibulandos do sistema de cotas e 48 para os do sistema universal. Ingressaram na UnB os 12 melhor classificados no sistema de cotas e os 48 mais bem classificados do sistema universal.

Objetivos

O presente estudo teve por finalidade comparar características e desempenho de candidatos e de aprovados no 2º vestibular da UnB, em 2004: os que prestaram exame pelo sistema de cotas e os que concorreram exame pelo sistema universal.⁴

As análises foram feitas considerando-se grupos de cursos em cada uma das três grandes áreas do conhecimento adotadas pela UnB no vestibular, Humanidades, Ciências e Saúde, tendo em vista diferenças quanto às exigências para ingresso e a competitividade relativa dos distintos cursos. Os grupos de cursos foram constituídos conforme o desempenho nos exames, e esse agrupamento foi utilizado como *proxy* para o nível socioeconômico dos candidatos, conforme se discute adiante.

³ É conveniente apreciar o grau de exigência correspondente ao escore bruto mínimo requerido. Este, no valor de pelo menos 66 pontos, correspondeu aproximadamente a um argumento final de -160 (negativo). O argumento final médio dos cotistas aprovados foi de 139 e, dos aprovados no sistema universal, de 158 (ambos os valores positivos).

⁴ A segunda etapa do estudo incluirá comparações com o desempenho dos aprovados no 1º semestre letivo de 2005.

Interessava responder a perguntas como:

- Há diferenças entre os perfis da demanda por vagas entre candidatos cotistas e não-cotistas? Desejava-se saber, por exemplo, se a demanda de cotistas é relativamente maior em cursos que vêm se caracterizando como menos competitivos em vestibulares anteriores.
- Qual é o perfil do desempenho no vestibular dos candidatos negros e não-negros? Há diferenças regulares e, em caso positivo, quais são elas? Como se comparam os candidatos e os aprovados, os que ingressaram na universidade: o perfil se repete ou é diferente?

Questões metodológicas

Nesta seção apresentam-se as fontes dos dados utilizados e discutem-se aspectos metodológicos dos controles dos resultados.

Fontes de dados

Os dados utilizados presente texto são oriundos do Centro de Seleção e Promoção de Eventos – CESPE da UnB, órgão responsável pela realização dos exames de seleção para ingresso na universidade. A principal fonte consistiu nos microdados referentes aos candidatos ao exame vestibular, gentilmente cedidos pelo CESPE. O processamento desses dados permitiu caracterizar cotistas do ponto de vistas socioeconômico e comparar o desempenho de candidatos e de aprovados, no sistema universal e no de cotas. Uma outra fonte, complementar, foram as informações sobre a procura por vagas por curso em diferentes vestibulares, também obtidas junto ao CESPE, e que permitiram comparar a demanda em 2004 com perfis de procura por vagas vigentes antes da implantação do sistema de reserva de vagas.

Inscreveram-se na seleção ora analisada cerca de 25,3 mil candidatos, dos quais 15,2 mil lograram obter argumentos finais (AFs). Estes 15,2 mil vestibulandos constituíram população de candidatos analisada. Ingressaram na universidade 1979 vestibulandos, sendo 378 do sistema de cotas e 1601 do sistema universal. Esta foi a população de aprovados do presente estudo.

Status socioeconômico e o questionário sociocultural

É amplamente conhecida a influência do status socioeconômico familiar no acesso dos jovens à universidade, assim como são as marcantes diferenças nessa variável entre negros e não-negros na população brasileira.⁵ Nesse contexto, o projeto de pesquisa foi inicialmente concebido considerando a utilização de variáveis socioeconômicas, a serem obtidas a partir do chamado questionário sociocultural,

⁵ O número médio de anos de estudos de jovens de 25 anos é de 5 anos para negros e de mais de 8 anos para brancos; entre negros desse grupo etário, 17% haviam concluído o ensino médio, ao passo que a proporção correspondente para brancos é de 27% (Carvalho; Segato, *cit.*)

respondido por vestibulandos da UnB. Esse instrumento contém itens referentes à escolaridade do pai e da mãe do candidato, ao tipo de escola onde estudou no ensino médio, à cor da pele, ao exercício de atividade remunerada, entre outros. No entanto, quando foi feita uma inspeção preliminar dos dados do questionário socioeconômico, o desenho original do projeto se viu frustrado. Nessa oportunidade, ficou evidente que grande parte dos vestibulandos do sistema universal não havia respondido ao instrumento, cujo preenchimento não era obrigatório para a inscrição nem estava disponível na Internet, meio pelo qual se inscreveu um grande número de candidatos não-negros.

O quesito quanto à escolaridade da mãe, por exemplo, variável importante para a caracterização socioeconômica dos vestibulandos, foi respondido por apenas 52% dos candidatos do sistema universal. Já entre os candidatos do sistema de cotas, a proporção de respostas ao quesito alcançou expressivos 93%. Essa diferença certamente se deveu ao fato de que exigia-se dos candidatos da seleção por cotas que tirassem uma foto nos postos de inscrição, assim permitindo acesso ao questionário.

O desenho original da pesquisa pretendia efetuar comparações entre candidatos e aprovados no sistema universal e na seleção por cotas, controlando-se os dados por variáveis socioeconômicas. Diante do quadro acima descrito tal tipo de controle teve de ser descartado, pois seria inaplicável aos vestibulandos da seleção universal.

Nessas circunstâncias, buscaram-se outras variáveis que pudessem substituir as de natureza socioeconômica, ainda que com poder de controle estatístico provavelmente muito menor. Duas foram as variáveis inicialmente consideradas: a relação candidato/vaga e o desempenho no vestibular. Como se sabe, os cursos mais competitivos, isto é, aqueles de demanda mais elevada em relação ao número de vagas, freqüentemente refletem um maior prestígio social da carreira e requerem do candidato um melhor desempenho no vestibular, o que depende de escolaridade prévia de melhor qualidade. O próprio prestígio social da carreira deriva, em parte, da composição social do alunado, que por sua vez alimenta o círculo que exige um melhor desempenho no vestibular, e assim por diante. A questão é bem mais complexa que o esboço dessas linhas pode indicar, porém ela serve para sugerir que diferenças na relação candidato/vaga seriam indicativas de distâncias sociais, ainda que tênues.

Ocorre, entretanto, que na dinâmica esboçada operam-se transformações ao longo dos anos, por exemplo em virtude de novas oportunidades no mercado de trabalho, de mudanças em exigências legais para o exercício de uma profissão, ou mesmo de modismos, entre outros fenômenos. Essas transformações freqüentemente associam-se a novas exigências no desempenho no vestibular, como parece ter ocorrido no Rio de Janeiro ao longo do tempo. Tratando dessa questão, Silva e Kochi (1995) inicialmente construíram uma hierarquia das carreiras a partir de dados dos alunos classificados no vestibular da UFRJ em 1993. Valendo-se da Análise de Componentes Principais para as médias das notas em cada prova, em cada curso, verificaram que o primeiro fator extraído, o desempenho alunado no exame, dava conta de 76% da variação comum, indicando uma nítida hierarquia das carreiras. As cinco carreiras

situadas do topo da hierarquia eram Medicina, Odontologia, Engenharia Civil, Economia e Engenharia Química, nesta ordem; as cinco no extremo inferior, da última para as anteriores, eram Serviço Social, Educação Artística, Pedagogia, Educação Física e Artes Cênicas.

Em seguida os autores compararam seus resultados com os obtidos em estudo anterior por Costa Ribeiro (1983, *apud* Silva e Kochi, *cit.*) para instituições públicas, com base nos dados do vestibular do Cesgranrio em 1979. Neste ano, no estudo de Costa Ribeiro as cinco primeiras carreiras da hierarquia haviam sido Engenharia Civil, Arquitetura, Medicina, Engenharia Química e Ciências Biológicas, um grupo bastante diverso do encontrado por Silva e Kochi. Assim, num prazo de quase quinze anos ocorreram notáveis mudanças na hierarquia das carreiras. Entre estas, uma das mais salientes foi a registrada para o curso de Direito, que subiu da 17ª posição no final dos anos setenta para a 9ª posição em 1993. A Economia também ascendeu na hierarquia, passando da 11ª posição para uma destacada 4ª colocação no vestibular mais recente. Em contrapartida outras caíram, como Arquitetura e C. Biológicas, que deslocaram-se do grupo das cinco primeiras para a 10ª e 14ª posições, respectivamente. No extremo inferior também foram observadas alterações, como a ocorrida com o Serviço Social, que desceu de vários postos, do 27º para o último (32º).

Essas hierarquias parecem refletir, em boa medida, o prestígio social das carreiras. Mas, ao que tudo indica, as mencionadas transformações também podem operar sobre a própria demanda por vagas, aumentando-a em cursos que não desfrutam de prestígio na sociedade, e em cujo alunado *não* predominam contingentes de elites sociais (em termos dos padrões da universidade), sem que tais mudanças cheguem a afetar de forma expressiva as exigências de desempenho no vestibular entre estes e outros cursos, tradicionalmente mais competitivos e de maior prestígio. Na UnB esse seria o caso, por exemplo, dos cursos de Pedagogia e de Serviço Social.

A procura por esses dois cursos da UnB em 2004 girou em torno de 14 candidatos por vaga, nível quase igual à média de toda a grande área das Humanidades, que foi de 15 candidatos por vaga, e até superior à de cursos cujo prestígio social costuma ser bem mais elevado, como Arquitetura e Urbanismo, com 12 candidatos por vaga. É ilustrativo comparar a relação candidato/vaga (doravante, simplesmente demanda) nesses três cursos com o desempenho dos candidatos na seleção, dado pelo chamado argumento final de classificação (AF).

Em Pedagogia e em Serviço Social, as médias dos argumentos finais guardam uma enorme distância da média em Arquitetura. Conforme mostra a tabela 1, naqueles cursos as médias foram de -5,5 (AF negativo) e de 22,1, respectivamente, ao passo que em Arquitetura e Urbanismo a média foi muito mais elevada, de 152,2. As médias dos AFs naqueles cursos também foram ainda muito menores que a da grande área das Humanidades, de 87,5. Já os dados quanto à demanda, como se viu, mostraram um panorama bem distinto: em todos esses três cursos a demanda oscilou em torno da média da grande área. Por que tal discrepância?

Examinando dados disponíveis para o 2º vestibular de 1998, ou seja, de seis anos antes do vestibular que é objeto do presente texto, constatou-se que naquela época a demanda para Serviço Social e para Pedagogia era bem menor que em 2004, sendo em torno de 8 candidatos por vaga, e também inferior à média de toda a grande área das Humanidades, que era de 11 candidatos por vaga. Com efeito, a demanda para esses dois cursos vem crescendo – tendo praticamente dobrado no caso do Serviço Social –, seja porque no período ampliaram-se as oportunidades de emprego para seus graduados, seja porque essas duas carreiras tornaram-se moda, seja por ambos os motivos ou outros mais. No entanto, apesar do vertiginoso aumento na demanda, as respectivas exigências para ingresso não sofreram grandes alterações, pois tanto no Serviço Social como na Pedagogia o desempenho no vestibular continuou baixo em relação ao conjunto das Humanidades.

Um substituto do status socioeconômico

A busca por substitutos do status social familiar como variável de controle do estudo, antes referida, foi feita dentro de cada grande área do conhecimento (doravante com denominação simplificada de “área”), mantendo-se a separação entre estas, adotada nos vestibulares da UnB de 2004.⁶ Nessa busca, inicialmente contemplou-se a hipótese de utilizar a demanda por vagas, isoladamente ou em combinação com o desempenho dos aprovados no vestibular, ambos tidos como indicadores de diferentes facetas do prestígio social das carreiras. Entretanto os resultados obtidos com tal abordagem não tiveram êxito, embora a demanda tenha forte associação com o desempenho no vestibular: na Saúde a correlação entre essas duas variáveis é da ordem de 0,80, sendo apenas um pouco menor nas Humanidades, de aproximadamente 0,70, caindo para cerca de 0,60 nas Ciências, um valor ainda bastante expressivo. Ensaiou-se em seguida o emprego exclusivo do desempenho no vestibular, na linha de estudos anteriores como os de Silva e Kochi (*cit.*) e o de Costa Ribeiro (*cit.*), embora mediante procedimentos simplificados, e esta foi a abordagem que veio a ser utilizada na presente pesquisa.

Os cursos foram então ordenados dentro de cada área segundo o AF médio de cada qual, procurando-se em seguida agregá-los em grupos, tomando-se como referência o desvio padrão dos AFs. Depois de algumas tentativas empíricas,⁷ adotou-se o seguinte critério de agrupamento no interior de cada área: no grupo de desempenho alto foram incluídos os cursos cujos AFs médios são superiores a meio desvio padrão acima da média da área; no grupo de desempenho médio, os cursos com AFs entre meio desvio padrão acima e meio desvio padrão abaixo da média; no grupo de desempenho

⁶ Até 2003, a grande área de Ciências abrangia os cursos que atualmente integram a grande área da Saúde.

⁷ Na primeira alternativa de agrupamento também utilizaram-se os AFs médios de cada curso, constituindo-se apenas dois grupos: um superior, com valores iguais ou acima da média da grande área; outro, inferior, com valores menores. No entanto, como a amplitude de variação das médias era muito grande, a agregação resultou em valores extremamente heterogêneos dentro de cada grupo. Na segunda alternativa de agregação as médias foram combinadas com os respectivos desvios padrão, constituindo-se três grupos. No primeiro cada área situaram-se os cursos cujas médias dos AFs situavam-se um desvio padrão acima da média da área; no segundo, entre um desvio padrão acima e um abaixo da média; no terceiro, AFs menores que um desvio abaixo da média. Mas em virtude da magnitude relativamente elevada dos desvios padrão, os resultados ainda pareceram insatisfatórios, desta vez com uma grande concentração de cursos no segundo grupo.

baixo, os cursos com AFs menores que meio desvio padrão abaixo da média. O agrupamento está apresentado na tabela 1.

Na área das Humanidades, no grupo de alto desempenho situaram-se cursos como Direito que, mesmo sendo oferecido apenas no período noturno do 2º vestibular de 2004, e não no turno diurno, continuava altamente competitivo, com um desempenho médio dos candidatos equivalente ao dobro do registrado para Arquitetura e Urbanismo, outro integrante do mesmo grupo. O segmento com desempenho imediatamente inferior foi liderado por Desenho Industrial, incluindo também, entre outros, os bacharelados em Ciências Sociais e em Letras/Tradução, cujos desempenhos médios situaram-se na mediana do grupo. A maior parte das licenciaturas em Humanidades localizou-se no grupo de desempenho baixo.

Na área de Ciências, a liderança coube a um curso relativamente novo, o de Engenharia Mecatrônica, mas a Engenharia Civil, que em décadas passadas desfrutou de prestígio elevado, encaixou-se no grupo de desempenho médio. Algumas licenciaturas nos diversos campos das Ciências Naturais integraram este grupo, porém a maioria concentrou-se no segmento de desempenho baixo, tal como ocorreu nas Humanidades. Na Saúde, a Medicina foi a única carreira cujo AF médio foi maior que meio desvio padrão acima da média da área, em decorrência da conhecida alta competitividade para ingresso nesse curso. O segmento médio abrangeu cursos como Odontologia, cujo desempenho médio ficou algo distante do registrado para Medicina. O grupo de desempenho baixo da área foi composto por apenas dois cursos, Enfermagem e Obstetrícia, seguido por Educação Física.⁸

A agregação de cursos em cada área guarda semelhança com a hierarquia de cursos em estudos anteriores e, de certo modo, reflete diferenças no prestígio social das carreiras. Esse agrupamento, como substituto de variáveis de natureza socioeconômica, foi utilizado ao longo do texto nas comparações efetuadas entre candidatos do sistema universal e do sistema de cotas.

Características socioeconômicas dos cotistas: traços de um perfil

Nesta seção trata-se de algumas características socioeconômicas dos vestibulandos cotistas. Traços como os aqui discutidos permitem aferir a adequação do agrupamento de cursos que se fez e, ademais, são relevantes à vista da conhecida influência do nível social no desempenho.

⁸ A distribuição dos vestibulandos em cada grupo, obtida a *posteriori*, mostrou-se bastante satisfatória. Em Ciências, o grupo de desempenho médio respondeu por 37% da área, ficando os demais com frações próximas a 1/3. Em Humanidades os grupos de desempenho médio e baixo responderam, cada qual, por 38% da área. Apenas na Saúde ocorreu elevada disparidade proporcional entre os grupos, principalmente em virtude do isolamento da Medicina numa única categoria, que respondeu por 15% da área, cabendo 58% ao segmento de desempenho médio. Trata-se entretanto de uma área na qual efetivamente há grandes diferenças de prestígio entre os três grupos de cursos. Agradeço a Antonio Sergio Guimarães por ter indagado sobre a distribuição proporcional dos grupos, um dos elementos relevantes para aferir a adequação da agregação efetuada.

Escolaridade materna

Entre candidatos cotistas, as proporções dos que têm mãe com nível superior varia bastante entre as áreas e grupos de cursos, mas o padrão geral é bastante nítido (gráfico 1). Em cada área, a frequência de mães com nível superior diminui à medida que decresce o nível médio de desempenho no vestibular, assim conferindo certa confiabilidade ao agrupamento de cursos que se adotou como um indicador aproximado do nível socioeconômico dos vestibulandos. Embora não se disponha de dados fidedignos para os candidatos não-cotistas, os do chamado sistema universal, pois somente pouco mais da metade deles respondeu ao questionário socioeconômico, vale notar que entre estes repete-se o mesmo padrão registrado para os cotistas.⁹

Outra faceta relevante dos dados ilustrados pelo gráfico 1 constitui-se no reflexo da seleção socioeconômica que é efetuada pelo filtro do vestibular. Sobejamente documentada na literatura para os vestibulandos em geral, aqui também é sustentada para negros, de modo semelhante ao que se verifica na USP, por exemplo, onde as chances de aprovação caem conforme diminui a classe socioeconômica dos candidatos negros (Guimarães, 2003). Na UnB, como se pode observar em cada área, a proporção de mães com nível superior entre cotistas aprovados é substancialmente maior que entre candidatos às vagas reservadas. Além disso, o nível da escolaridade materna tende a aumentar com a competitividade dos cursos, pois as diferenças entre aprovados e candidatos são mais largas nos grupos que requerem argumentos finais mais altos para o ingresso na universidade. Assim, por exemplo nas Humanidades, no grupo de maior desempenho a diferença na proporção de mães com nível superior entre aprovados e candidatos é de 28 pontos percentuais enquanto a distância correspondente é de apenas 2 pontos no segmento de baixo desempenho; nas Ciências o padrão é parecido, com distâncias entre grupos análogos de 11 e 3 pontos percentuais, respectivamente. Esses dados sugeririam ainda, preliminarmente, que os efeitos da escolaridade da mãe sobre as chances de ingresso seriam mais intensos nos grupos de cursos com alto desempenho.

No conjunto dos cotistas aprovados, mais de um terço têm mãe com nível superior, o que é um índice bastante elevado para a sociedade brasileira, mesmo se considerados apenas os jovens que recentemente concluíram o ensino médio. Os aprovados no sistema de cotas para negros cotistas parecem assim constituir uma elite social em termos da sociedade brasileira, apesar da conhecida e histórica discriminação racial no país,¹⁰ inclusive quanto às oportunidades educacionais paternas. A título de ilustração – e como mera ilustração, pelos motivos apontados –, pouco mais da metade dos aprovados no sistema universal têm mãe com nível superior.¹¹ Se este último dado for tomado como referência, os cotistas aprovados se situariam em patamar de nível

⁹ Na metade dos candidatos do sistema universal que respondeu ao questionário, as proporções de mães com nível superior em cada grupo de desempenho, alto, médio e baixo são, respectivamente: nas Humanidades, 61%, 43% e 23%; nas Ciências, 57%, 42% e 34%; na Saúde, 59%, 54% e 38%.

¹⁰ Veja-se por exemplo Guimarães (2004).

¹¹ Essa proporção parece ser bem estável ao longo do tempo. No 2º vestibular de 2003, antes da introdução do sistema de cotas, e no qual cerca de 60% dos aprovados responderam ao questionário socioeconômico, a proporção de mães com nível superior era de 49%.

socioeconômico algo inferior ao dos outros vestibulandos, com um perfil que seria o de uma segunda elite universitária, mas de toda sorte uma elite social.¹²

Ensino médio na escola particular

Uma outra característica socioeconômica de interesse é a frequência à escola particular. Interessava conhecer o perfil dos cotistas candidatos e aprovados segundo o tipo de escola frequentada no ensino médio, variável que também tem sido bastante estudada na literatura sobre o acesso à universidade.

O questionário socioeconômico indagou em que tipo de escola o candidato havia feito a maior parte do ensino médio, se pública ou particular. O gráfico 2 ilustra as respostas a esse quesito. Os níveis de frequência à escola particular são em geral bastante elevados, notadamente entre os vestibulandos que se inscreveram nos cursos que costumam comandar maior prestígio social. No conjunto dos candidatos negros, 41% fizeram escola particular no ensino médio,¹³ um índice muito elevado quando se considera que no país a matrícula nesse tipo de escola correspondia a apenas 12% do total em 2004, segundo o Censo Escolar do INEP/MEC.

Em cada área constata-se um padrão semelhante ao da escolaridade materna, no qual a frequência à escola particular diminui à medida em que cai a competitividade dos cursos, seja entre candidatos, seja entre aprovados, conferindo ainda uma vez credibilidade ao agrupamento adotado. Além disso, os índices de frequência à escola privada, contrastados com os de frequência à escola pública, em geral são bem maiores entre os cotistas aprovados. Os resultados são aparentemente sugestivos de que a frequência à escola privada teria expressivo efeito sobre as chances de aprovação no vestibular em todos os segmentos, exceto um. Neste grupo, que demanda investigações ulteriores, o resultado inesperado corre por conta dos candidatos de desempenho médio nas Humanidades. Os resultados para cotistas negros, portanto, têm tendência consistente com a encontrada em estudos anteriores para os vestibulandos em geral, e indica um traço a mais do seu perfil enquanto elite social. Os cotistas que ingressam na UnB geralmente têm um *background* familiar privilegiado em relação aos demais candidatos negros e também em relação aos concluintes do ensino médio. Mesmo com o sistema de cotas, o vestibular permanece como um filtro social extremamente poderoso.

Evolução da demanda e o vestibular com cotas

Conhecidos alguns traços do perfil socioeconômico dos cotistas, e considerando a influência que variáveis desse tipo costumeiramente têm no desempenho acadêmico, cabem algumas indagações sobre o perfil da demanda por vagas. Esse perfil alterou-se

¹² A julgar pelos dados de Borges e Carnielli (2005), as diferenças sociais entre cotistas e não-cotistas aparentemente se aplicariam sobretudo aos grupos de cursos de desempenho baixo. Os autores entrevistaram estudantes que ingressaram na UnB em 2001 nos cursos de Direito, Engenharia Civil e Medicina, constatando que 76% deles haviam feito ensino médio em escola particular. Entre os cotistas de nosso estudo, aprovados nesses mesmos cursos, a proporção correspondente é de 79%.

¹³ Para os candidatos ao sistema universal que responderam ao questionário, a proporção correspondente é de 68%.

com a introdução do sistema de cotas para negros? A demanda dos cotistas se concentra em certos tipos de cursos, comparada com a procura por parte dos candidatos ao sistema universal?

A UnB realiza dois vestibulares por ano, para ingresso no primeiro e segundo semestres letivos, respectivamente. As comparações serão feitas num período num período de cinco anos, entre 2000 e 2004, considerando-se os exames do segundo semestre, pois o sistema de cotas iniciou-se com o segundo vestibular de 2004 e, nos vestibulares do primeiro semestre, metade das vagas são destinadas ao Programa de Avaliação Seriada - PAS, que envolve avaliações ao longo de todo o ensino médio. No quinquênio estudado, o leque de cursos oferecidos nos vestibulares do segundo semestre foi praticamente o mesmo e a oferta de vagas sofreu diminutas variações.¹⁴ Essas duas características dos exames estudados – uma do lado da oferta de cursos e outra do lado da demanda por vagas – permite uma boa comparabilidade dos dados, dispensando maiores qualificações na análise.

No conjunto da UnB, as vagas ofertadas oscilaram em torno de 16 por candidato, conforme mostra a tabela 2. Entre o primeiro e o último dos vestibulares da UnB aqui discutidos houve um pequeno crescimento de apenas 2%.¹⁵ Em alguns dos grupos de cursos o crescimento foi um pouco mais intenso, como no segmento de desempenho alto das Humanidades, onde alcançou 6%, uma taxa ainda pequena; noutros houve estabilidade (Ciências, desempenho médio) ou ainda queda na oferta (Saúde, desempenho médio).

Na comparação da demanda dos cotistas com os não-cotistas tomou-se como referência dois conjuntos de vestibulares (para ingresso no segundo semestre de cada ano): o primeiro deles foi constituído pela média da procura nos exames realizados entre 2000 e 2003; os segundo foi integrado pelos dados do vestibular de 2004, separados em duas categorias de candidatos, cotistas e não-cotistas. O gráfico 3 ilustra a demanda nesses dois conjuntos, permitindo comparar a demanda de cotistas e não-cotistas em 2004 com a média de anos anteriores. As médias para o período 2000-2003 também constam da tabela 2, a fim de facilitar a leitura do gráfico 3.

Em cada um dos grupos das três áreas, a demanda dos candidatos do sistema universal situou-se em patamares semelhantes ou maiores que a de anos anteriores. Já a demanda dos cotistas tem comportamento quase invertido: em geral localizou-se em níveis mais baixos que a de anos anteriores, sendo portanto quase sempre menor – em geral muito menor – que a dos candidatos do sistema universal. É como se muitos cotistas, cujas oportunidades educacionais anteriores certamente foram qualitativamente inferiores que as dos demais candidatos, julgaram que possuíam menores chances de ingresso que os outros e, assim, fossem mais comedidos na busca da aventura universitária.

¹⁴ Em torno de 1980 vagas foram oferecidas a cada ano.

¹⁵ Essa ínfima taxa de crescimento é consequência sobretudo das severas restrições orçamentárias a que vem sendo submetida a instituição, por parte do Poder Público, assim como das limitadíssimas reposições dos docentes aposentados e falecidos (a esse respeito veja-se, por exemplo, Velloso e Marques, 2005).

Um outro traço relevante da procura por vagas diz respeito à distância entre a demanda dos cotistas e a dos candidatos do sistema universal. Essa distância tende a ser maior nos grupos de cursos mais exigentes em matéria de desempenho para ingresso na universidade. No segmento de desempenho alto das Humanidades, por exemplo, a demanda dos cotistas equivale a cerca de 60% do nível da procura dos candidatos do universal,¹⁶ mas ambos os níveis se equiparam no grupo de baixo desempenho; na área da Saúde o cenário é semelhante, pois em Medicina (Saúde – alto), aquela demanda corresponde aproximadamente 40% da registrada para os vestibulandos do universal, ao passo que no grupo de baixo desempenho os níveis já se aproximam um do outro.¹⁷ A tendência geral observada nas três áreas sugeriria portanto, em virtude de motivos como os já apontados no parágrafo anterior, que estaria ocorrendo uma auto-seleção por parte dos candidatos negros, em geral tanto maior quanto mais competitivos fossem os cursos. Como assinala Queiroz (2004), apoiada em Brito e Carvalho (1978), ao analisar a escolha da carreira e a cor de vestibulandos da Universidade Federal da Bahia, a opção do candidato pelo ensino superior a influência de variáveis socioeconômicas e também marcada por uma auto-seleção que associa as aspirações dos indivíduos a uma apreciação das probabilidades de ingresso no ensino superior.

O desempenho dos cotistas e não-cotistas: candidatos, aprovados e simulações

Os estudantes que ingressaram na UnB em 2004 pelo sistema de cotas tiveram um desempenho bastante variado no vestibular mas alguns se houeram bem melhor que os aprovados no sistema universal. Este foi o caso de meia dúzia jovens aprovados em cursos como Comunicação Social e Engenharia Mecatrônica – ambos de alto nível de exigência para ingresso e de elevada relação candidato/vaga –, Ciências Contábeis – de medianos requisitos para aprovação na área –, e Artes Plásticas, Geologia e Matemática – estes requerendo menor desempenho para aprovação em suas respectivas áreas. Nesses seis cursos, os primeiros colocados foram vestibulandos do sistema de cotas para negros. Além disso, em outros seis cursos, a nota mínima dos aprovados no sistema universal foi abaixo da nota mínima obtida pelos cotistas que ingressaram na UnB, significando que esses vestibulandos negros entrariam na universidade independente do sistema de cotas (Mulholand, 2004).

Nesse quadro, a pergunta que imediatamente surge é: como se compara o desempenho de cotistas e não-cotistas? Nessa comparação, qual é a diferença entre candidatos e aprovados? Quais seriam as chances de ingresso na UnB para os cotistas, caso o sistema de cotas não tivesse sido implantado? Perguntas como essas norteiam a discussão nesta seção.

¹⁶ Demanda de 15,6 candidatos/vaga entre os cotistas e de 27,6 entre os do sistema universal.

¹⁷ Demanda de 32,9 candidatos/vaga entre os cotistas e de 82,3 entre os do sistema universal, na Medicina; em Saúde - baixo os valores são respectivamente, 30,9 e 25,7.

Desempenho dos candidatos nos dois sistemas

Respostas parciais a algumas dessas perguntas já haviam sido insinuadas em seções anteriores, a partir de dados socioeconômicos dos candidatos. De fato, os cotistas aprovados em primeiro lugar nos seis cursos acima referidos são uma exceção ao panorama geral, conforme indica a tabela 3. Em todos os grupos de cursos estudados, o desempenho médio dos candidatos do sistema de cotas foi inferior ou muito inferior ao do demais candidatos, com diferenças em geral muito expressivas. Na maior parte dos casos estas variaram de quase 20% a aproximadamente 140%, tendo excepcionalmente alcançado 1700% no caso específico do segmento das Humanidades com desempenho alto.

A tendência das diferenças constatadas é semelhante à observada para as variáveis socioeconômicas analisadas, escolaridade da mãe e frequência à escola privadas no ensino médio; elas em geral diminuem à medida que decrescem os requisitos acadêmicos para ingresso – a única exceção é o caso da Medicina, que requer estudos posteriores. Lidos em seu conjunto, os dados anteriores e os dados sobre o desempenho dos candidatos parecem sugerir que, ao longo do perfil de competitividade dos cursos em cada área, da maior para a menor, do ponto de vista socioeconômico os cotistas se assemelhariam cada vez aos demais candidatos. Assim, ao longo desse perfil as diferenças de desempenho entre cotistas e não-cotistas também tende a diminuir. Tal interpretação é provisória, pois os dados socioeconômicos dos candidatos do sistema universal são bastante deficientes, conforme já mencionado, mas pode ser preliminarmente enunciada caso os tomemos como referência aproximada do perfil social dos vestibulandos não-cotistas.¹⁸

De todo modo, como em cada grupo as diferenças na média do argumento final dos dois tipos de candidato são sempre expressivas, mesmo nos cursos de menor desempenho, e como as vagas nestes correspondem a parcela relativamente pequena do total, os dados sugerem que sem o sistema de cotas a maioria dos cotistas não ingressaria na universidade.

A tabela 3 ainda apresenta, na última coluna, uma outra faceta dos resultados ilustrados no gráfico 3, que tratava da demanda por vagas. Os dados dessa coluna, que contêm as proporções de cotistas por grupos de curso, reiteram a interpretação preliminar anterior, no sentido de que os candidatos negros tendem a refugiar-se nos cursos de menores exigências para ingresso. Em cada grupo de cursos de cada área, a proporção aumenta à medida que cai o rendimento médio no vestibular.

¹⁸ Comparem-se os perfis dos candidatos cotistas nos gráficos 1 e 2 com seguintes dados para os vestibulandos do sistema universal que responderam ao questionário socioeconômico. Quanto às mães com nível superior, entre os grupos de desempenho baixo e alto de cada área, a proporção vai de 23% a 61% nas Humanidades; de 34% a 57% nas Ciências; e de 38% a 59% na Saúde. Quanto aos que fizeram escola particular no ensino médio, a fração vai de 31% a 78% nas Humanidades; de 51% a também 78% nas Ciências; e de 59% a 86% na Saúde.

Desempenho dos aprovados e uma simulação

Nos resultados para os vestibulandos aprovados, como era previsível repete-se o mesmo padrão encontrado para os candidatos: em cada grupo de cursos a média das notas dos candidatos do universal é sempre maior que a dos cotistas, embora as diferenças agora sejam algo menores (tabela 4). Antes, entre candidatos dos dois sistemas, as diferenças entre as médias dos grupos de cursos exibia enorme variação, e agora, entre aprovados, elas apresentam uma variabilidade algo menor, ainda que muito elevada, da ordem de 40% a 500% – sem considerar o caso da Medicina. Esses contornos do desempenho dariam guarida a críticos do sistema de reserva de vagas para negros, segundo os quais deficiências na formação escolar dos cotistas representariam uma ameaça à qualidade do ensino universitário, cujo enfrentamento requer programas específicos de apoio acadêmico.¹⁹

A semelhança entre a tabela 3 e a tabela 4 termina com a média de desempenho sistematicamente menor dos cotistas, pois a aprovação no vestibular subverte as regularidades anteriormente encontradas, desenhando uma nova configuração dos resultados. O delineamento anterior, no qual as distâncias costumavam ser maiores quanto mais fossem competitivos os cursos, não mais é observado. Agora as maiores distâncias em cada área ocorrem nos cursos de desempenho médio, um contorno que desafia interpretações substantivas e não meramente estatísticas, exigindo análise mais detida noutra oportunidade.

Apesar desse desafio, no conjunto dos resultados prevalece a previsão antes mencionada quanto às chances de aprovação dos cotistas. Na ausência de um sistema de cotas para negros, é provável que poucos obtivessem sua matrícula na UnB. Resta saber, na hipótese de inexistência do sistema de cotas, quais são as efetivas chances de aprovação dos vestibulandos que optaram pelas vagas reservadas para negros.

No intuito de aferir se tal previsão se sustenta, e de conhecer aproximadamente quais são essas chances, foram feitas simulações quanto à aprovação de vestibulandos cotistas em alguns cursos. Os resultados obtidos são parciais e, por isso mesmo, meramente ilustrativos, porém tendem a apoiar o prognóstico.

Nas simulações adotaram-se os procedimentos descritos a seguir. Em cada curso/turno, os vestibulandos foram ordenados conforme suas notas, da maior para a menor, sem distinção entre os dois sistemas de ingresso.²⁰ Em seguida incluiu-se entre os aprovados os “n” primeiros colocados, conforme o respectivo número de vagas. Assim, por exemplo, no curso de Ciências Sociais, que ofereceu 60 vagas, foram considerados aprovados os 60 primeiros colocados, independente do tipo de sistema de ingresso em que se inscreveram os vestibulandos.

¹⁹ A Universidade Federal da Bahia, por exemplo, tem em vista um programa de reforço escolar e apoio acadêmico para os que dele necessitem (Almeida Filho *et al.*, 2005).

²⁰ Consideraram-se apenas os candidatos que foram selecionados para correção da prova de redação e os que foram aprovados neste exame.

Os resultados das simulações estão apresentados na tabela 5. Admitindo a hipótese de inexistência do sistema de cotas, em alguns cursos do grupo de desempenho alto das Humanidades, como Arquitetura e Economia, nenhum dos cotistas seria aprovado; já para os cotistas de Comunicação Social e de Direito 5% e 10% destes, respectivamente, ingressariam na UnB. O cenário é distinto em cursos de baixo desempenho dessa área, como Serviço Social e Pedagogia, nos quais todos ou quase todos os cotistas dispensariam a reserva de vagas para ingressar na UnB. Nas Ciências, na hipótese considerada, a variação das chances de ingresso vão de nulas a menos de 10% e, na Saúde, oscilam em torno de 10%.

As simulações não revelam uma nítida regularidade nas chances de aprovação entre os grupos de desempenho em cada área, nem se esperava que isso ocorresse, pois foram considerados apenas alguns cursos, de caráter ilustrativo. Ainda assim, os dados parecem preliminarmente sugerir aquilo que a lógica dos vestibulares indicaria: em cada área, as chances de ingresso seriam maiores nos cursos menos competitivos.

Em síntese, as chances de aprovação dos cotistas vão de nulas a 20%, proporção que corresponde à reserva de vagas para negros em cada curso. Se fosse possível fazer alguma afirmativa mais genérica a partir dos dados parciais apresentados, como a moda das chances de aprovação está em torno de 10%, dir-se-ia que sem o duplo sistema de ingresso metade dos cotistas seria reprovado. Por outras palavras, as cotas dobrariam as chances de aprovação dos candidatos negros.

Com efeito, informações sobre o conjunto dos aprovados dão conta de que *60% dos candidatos ao sistema de cotas foram beneficiados pela existência da cota. Os 40% restantes teriam sido selecionados sem este sistema* (Mulholand, 2004: 67). Esses números indicam que o sistema mais que dobrou as chances de acesso à UnB para negros vestibulandos, consistindo em expressiva ampliação de suas probabilidades de entrada na universidade.

Nota final

Nesta nota final resumem-se os principais resultados obtidos no estudo, com ênfase na comparação entre vestibulandos dos dois sistemas de ingresso, sempre que os dados disponíveis permitiram, e discutem-se algumas de suas implicações.

A caracterização socioeconômica dos vestibulandos restringiu-se essencialmente à dos cotistas, devido à natureza dos dados utilizados, e baseou-se em duas variáveis, a escolaridade materna e a frequência à escola particular no ensino médio. De modo análogo ao que vem sendo registrado na literatura sobre acesso à universidade, as chances de ingresso na UnB mediante cotas também dependem fortemente do nível socioeconômico dos candidatos. Entre os aprovados, mais de um terço têm mãe com nível superior, proporção mais elevada que a encontrada entre todos candidatos cotistas; entre os aprovados, mais de 40% fizeram o ensino médio em escola privada, fração bem maior que a registrada entre os candidatos, e equivalente a mais do triplo da

porcentagem de alunos matriculados na rede particular do país. Os cotistas que passaram no vestibular configuram-se assim como integrantes de uma elite do ponto de vista social. O funil da seleção socioeconômica no ingresso na universidade também opera dentro do sistema de cotas. Não há dados estritamente comparáveis para os vestibulandos não-cotistas, os do chamado sistema universal, pois poucos destes responderam ao questionário socioeconômico, mas a evidência parcial disponível sugere que os cotistas aprovados corresponderiam a uma segunda elite universitária, porém de todo modo uma elite social.

Mas há notáveis diferenças no perfil dos cotistas e nas suas chances de acesso, conforme o curso a que se candidataram. Assim, em cada uma das três áreas consideradas, Humanidades, Ciências, Saúde, os níveis de escolaridade da mãe e de frequência ao ensino privado geralmente são bem mais altos nos grupos de cursos de maior competitividade – os que exigem melhor desempenho para ingresso – e, nessas variáveis, a distância entre candidatos e aprovados geralmente cresce, sugerindo que sua influência no ingresso aumenta com os requerimentos de desempenho.

Um aspecto relevante na comparação entre cotistas e não-cotistas se refere à demanda por vagas nos vestibulares da UnB. Essa demanda manteve-se bastante estável ao longo dos últimos cinco anos. No conjunto da universidade, a procura no 2º exame de 2004 seleção foi da mesma ordem de grandeza que a média dos quatro anos anteriores, de aproximadamente 16 candidatos por vaga, mas a adoção do sistema de cotas resultou em contornos diferenciados na demanda dos candidatos cotistas e do sistema universal. Nos grupos de cursos mais competitivos, a demanda dos candidatos do sistema universal em geral foi maior que a média dos anos anteriores e muito maior que a dos candidatos cotistas. À primeira vista, isso poderia indicar que os candidatos não-negros afluíram em maior número para esses cursos, inaugurando uma tendência de crescimento na demanda. No entanto, como no conjunto da universidade a demanda foi semelhante às de anos anteriores, é provável que os dados para 2004 sinalizem apenas para uma diferenciação da procura entre negros e não-negros que já existia anteriormente, antes da introdução do sistema de cotas.

Outra característica relevante da demanda dos cotistas é de que ela foi menor que a dos outros candidatos em quase todos os grupos de cursos, e não apenas naqueles de maior competitividade. Esses níveis mais baixos poderiam indicar que a qualidade das oportunidades educacionais anteriores dos cotistas, que via de regra teria sido relativamente mais pobre que a dos outros candidatos, teria resultado em menor estímulo na busca pelos estudos de nível superior, conseqüência de um processo de auto-seleção.

Mas o processo de auto-seleção não se traduz necessariamente em diferenças na demanda por vagas dos cotistas em relação à dos não-cotistas. Admita-se que tal processo opera, manifestando-se através das expectativas de chegar à universidade por parte de jovens negros e não-negros que concluíram o ensino médio. Nessa hipótese, suponha-se ainda que, entre esses dois grupos de jovens, as diferenças nos níveis das expectativas de prestar exame vestibular não correspondam à razão entre as vagas que

foram reservadas para negros e as vagas destinadas aos demais candidatos. A porcentagem de 20% das vagas da cota para negros equivale à razão de um para quatro entre as vagas deste sistema e as do sistema universal. Ora, é possível que, entre esses dois grupos jovens, a diferença nas expectativas de chegar à universidade não corresponda à uma única razão de um para quatro, ou que esta se aplique apenas a alguns cursos. Essas diferenças têm implicações para as relações candidato/vaga no vestibular com cotas. Considerem-se por exemplo os dois grupos de cursos mais competitivos nas Humanidades e nas Ciências. No primeiro, a demanda dos cotistas equivaleu a quase metade da procura dos candidatos do sistema universal; no segundo, correspondeu a quase um terço. Imagine-se agora que nos dois grupos de cursos as proporções das cotas tivessem sido distintas dos 20% que foram estabelecidos. Se, para aquele grupo de cursos, a reserva de vagas tivesse sido de apenas 12%, a demanda em ambos os sistemas de seleção teria sido semelhante, em torno de 25 candidatos por vaga. Se, neste último grupo, a reserva tivesse sido de somente 9%, a procura num e noutro sistema teria sido em torno de 15 candidatos por vaga.²¹ Com isso não se quer dizer ou mesmo insinuar que o percentual da reserva de vagas deveria ter sido menor que o estabelecido; pois sendo um dos propósitos das cotas aumentar as chances de ingresso de negros na universidade, inclusive corrigindo injustiças passadas, as diferenças na demanda efetiva entre cotistas e demais candidatos seriam um indicador do êxito de tais propósitos.

Os dados mostraram que a demanda dos cotistas geralmente se concentrou nos grupos de cursos menos competitivos de cada área. Caso o raciocínio anterior não fosse considerado, isso sugeriria que experiência educacional anterior dos candidatos negros os teria induzido a uma auto-seleção, que seria maior quanto mais competitivos fossem os cursos. Embora essa interpretação seja plausível, face aos processos de seletividade social e discriminação racial que têm prevalecido, nesse aspecto a relação candidato/vaga pode ser enganosa, como mostrou a simulação há pouco efetuada. Mas dados adicionais do estudo quanto aos candidatos inscritos, sem considerar as vagas ofertadas, indicaram que em cada área, sistematicamente, a proporção de candidatos cotistas decresce à medida que diminui a competitividade dos cursos, assim emprestando apoio à hipótese da auto-seleção.

Num outro plano de análise, tratou-se do rendimento dos candidatos no exame, comparando-se os vestibulandos nos dois sistemas de ingresso, tanto entre candidatos quanto entre aprovados.

Entre candidatos inscritos, os dados mostraram que em cada grupo de cursos as médias no sistema de cotas são inferiores às dos demais, como esperado, diante das respectivas características socioeconômicas. A ordem de grandeza das diferenças é muito expressiva, sendo que a maioria delas vai de quase 20% a mais de 1000%. Ademais, em geral as distâncias aumentam à medida que sobe a competitividade dos cursos, apesar da exceção registrada em Medicina, que requer investigações ulteriores. Esses dados sugeriram que boa parte dos cotistas não viria a ser aprovada caso

²¹ Nessa simulação, mantém-se inalterado o número de inscritos em cada sistema de ingresso e a demanda do conjunto dos dois sistemas.

inexistisse o sistema de reserva de vagas, e que suas chances de ingresso seriam menores em cursos mais competitivos.

Entre vestibulandos aprovados, isto é, os ingressaram na UnB, os resultados naturalmente apresentaram heterogeneidade menor que os dados para candidatos, com diferenças menores entre cotistas e não-cotistas, porém com diferenças ainda muito expressivas, alcançando mais de 500% nas notas médias obtidas. Esses dados trouxeram uma surpresa, que por ora ainda desafia interpretações plausíveis, pois as maiores diferenças em cada área deslocaram-se dos grupos de cursos mais competitivos para os de exigências de desempenho relativamente moderadas. Apesar disso, as distâncias nas notas tenderam a confirmar o prognóstico anterior, no sentido de que provavelmente seriam poucos os candidatos negros que ingressariam na UnB sem o sistema de cotas.

As simulações feitas no intuito de apreciar melhor essas chances de ingresso dos cotistas revelaram, para cursos ilustrativos, uma grande variação entre estes. Em cursos como Arquitetura e Urbanismo, ou Engenharia Civil, nenhum cotista teria sido aprovado caso inexistisse a reserva de vagas para negros. Já no Serviço Social todos os cotistas ingressariam na UnB sem as cotas, ao passo que em Medicina e Odontologia cerca de metade deles teriam tal êxito. A tendência dos resultados ilustrativos que foram obtidos sugeriu que o duplo sistema de ingresso teria dobrado as chances de aprovação de candidatos negros. Informações mais agregadas, sem distinção por curso, porém mais abrangentes, dão conta de que o duplo sistema de ingresso mais que dobrou as chances de aprovação desses candidatos, constituindo-se para eles em mecanismo de ampliação do acesso à universidade.

Sistemas de cotas para negros têm efeitos apenas marginais no acesso, pois exercidos sobre os concluintes do ensino médio, e é na educação básica e que se concentra o funil do forte estreitamento das chances de ingresso na educação superior. Com efeito, do ponto de vista social os cotistas aprovados na UnB têm o perfil de uma elite universitária, ainda que em geral não pertençam ao estrato superior dessa elite, que seria integrada sobretudo por candidatos do sistema universal. Uma efetiva democratização do acesso de negros à universidade depende de substantivas melhorias na qualidade da educação básica pública e de um alargamento da oferta de vagas na educação superior pública, indispensáveis mas que requerem prazo mais longo de maturação. Sistemas de cotas, embora de limitados efeitos, têm o mérito da eficácia no curto prazo, como mostraram os dados do estudo. De outra parte, a implantação desses sistemas possivelmente traz consigo riscos de aumento do racismo na sociedade.

Os dados obtidos no estudo também mostraram que os aprovados no sistema de cotas em geral tiveram rendimento menor no exame que seus colegas do sistema universal. Se o rendimento no vestibular está associado ao desempenho no curso, então é provável que a adoção desse sistema influa negativamente no nível acadêmico dos estudos na universidade, o que é de todo indesejável, por todos os títulos, inclusive na ótica da democratização do acesso de negros à educação superior. Se isso é verdade, então se faz necessário o fortalecimento de programas de apoio aos estudantes que já existem, ampliando-os para assegurar amparo também acadêmico a todos os cotistas

que dele necessitem. A política de cotas da universidade reveste-se de êxito nos termos de um de seus próprios objetivos, ao ampliar o acesso de negros à educação superior, mas boa parte do sucesso da integração social, étnica e racial pretendida está na razão direta das taxas de permanência e de bom aproveitamento dos estudantes que até então se beneficiaram dessa política.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, N. *et alii*. *Ações Afirmativas na universidade pública: o caso da UFBA*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, 2005.

BORGES, J.; CARNIELLI, B. Educação e estratificação social no acesso à universidade pública. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n. 124, Jan.-Abr. 2005. p. 113-139.

BRITO, L.; CARVALHO, I. M. Condicionantes socioeconômicos dos estudantes da Universidade Federal da Bahia, Centro de Recursos Humanos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1978.

CARVALHO, J. J.; SEGATO, R. L.. Uma proposta para estudantes negros na Universidade de Brasília. *Série Antropologia* n. 314, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2002. p. 52

COSTA RIBEIRO, S. Quem vai para a universidade? *Ciência Hoje*, v. 1, n. 4, jan./fev. 1983.

GUIMARÃES, A. S.. Acesso de negros às universidades públicas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 118, Março 2003. p. 247-268.

_____. *Preconceito e Discriminação. Queixas de Ofensas e Tratamento Desigual de Negros no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo e Editora 34, 2004.

FRY, P.; MAGGIE, Y. Cotas raciais – construindo um país dividido? *Econômica*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 153-161, jun. 2004.

_____. O debate que não houve: a reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras. In: FRY, P. *A Persistência da Raça*. Ensaios Antropológicos sobre o Brasil e a África Austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 301-320.

GONÇALVES E SILVA, P. B. Negros na universidade e produção do conhecimento. In: GONÇALVES e SILVA, P.; SILVÉRIO, V. (Orgs.), *Educação e Ações Afirmativas – Entre a Injustiça Simbólica e a Injustiça Econômica*. Brasília: INEP, 2003. p. 43-54.

GRIN, M. Experimentos em ação afirmativa: versão crítica em dois tempos. *Econômica*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 145-152, jun. 2004.

MOURA, D. Plano de metas para a integração social, étnica e racial na UnB – relato da comissão de implementação. In: BERNARDINO, J.; GALDINO, D. (Orgs.), *Levando a Raça a Sério*. Ação Afirmativa e Universidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 217-228.

MULHOLAND, T. Cotas para negros: rompendo barreiras. *UnB Revista*, Brasília, v. V, n. 10, Set.-Nov. 2004. p. 65-67.

MUNANGA, K. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra o Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: GONÇALVES e SILVA, P.; SILVÉRIO, V. (Orgs.), *Educação e Ações Afirmativas – Entre a Injustiça Simbólica e a Injustiça Econômica*. Brasília: INEP, 2003. p. 115-128.

QUEIROZ, D. *Universidade e Desigualdade – Brancos e Negros no Ensino Superior*. Brasília: Líber Livro, 2004.

SANTOS, R.; MAIO, M.. Política de cotas raciais, os “olhos da sociedade” e os usos da Antropologia: o caso do vestibular da Universidade de Brasília (UnB). *Horizontes Antropológicos*, v. 11, n. 23, Jun. 2005. p. 181-214.

SILVA, N. V.; KOSCHI, R. Algumas observações sobre a graduação em Ciências Sociais e o Laboratório de Pesquisa Social. In: PESSANHA, E.; VILLAS BÔAS, G. (Orgs.), *Ciências Sociais – Ensino e Pesquisa na Graduação*. Rio de Janeiro: 1995. p. 83-115.

VELLOSO, J.; MARQUES, P. M. Recursos próprios da UnB, o financiamento das IFES e a reforma da educação superior. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, Mai-Ago. 2005. p. 655-680-
– *Ed. & Sociedade*, 2005

Tabela 1 - Vestibular UnB 2º/2004: agrupamento dos cursos pelas médias e desvios padrão dos argumentos finais dos aprovados (cursos ilustrativos*)

Áreas	Grupos	Cursos	Argumentos finais		
			Médias	Desvios padrão	Intervalos
Humanidades	Desemp. alto	Direito - Not.	296,4		
		Comunicação Social	194,9	-	> 138,3
		Ciências Econômicas	185,0		
		Arquitetura e Urbanismo	152,2		
	Desemp. médio	Desenho Industrial(Bach.)	138,3		
		Administração	132,8		
		Letras - Tradução	97,1	-	<= 138,3 & >= 36,7
		Ciências Sociais	91,5		
		Letras - Francês(Bach./Lic.)	51,2		
	Desemp. baixo	Serviço Social	22,1		
		Biblioteconomia	6,6	-	< 36,7
		Pedagogia	-5,5		
		Educ.Artística - Artes Cênicas (Lic.)	-67,8		
Área	Média e desvio padrão da área	87,5	101,7	-	
Ciências	Desemp. alto	Engenharia Mecatrônica	286,7		
		Ciência da Computação(Bach.)	233,0		> 185,8
		Engenharia Mecânica	203,8		
		Ciências Biológicas(Bach./Lic.)	193,5		
	Desemp. médio	Física(Bach./Lic./Fís.Computacional)	165,6		
		Engenharia Civil	148,5		<=185,8 & >=94,7
		Ciências Biológicas(Lic.) - Not.	123,2		
		Agronomia	96,4		
	Desemp. baixo	Engenharia Florestal	84,1		
		Matemática(Bach./Lic.)	73,6		< 94,7
		Química(Lic.) - Not.	72,3		
Geologia		63,1			
Área	Média e desvio padrão da área	140,3	91,1	-	
Saúde	Desemp. alto	Medicina	386,8		>234,1
		Odontologia	196,7		
	Desemp. médio	Nutrição	167,0		<=234,1 & <=124,3
		Psicologia	166,1		
		Medicina Veterinária	140,5		
	Desemp. baixo	Enfermagem e Obstetrícia	119,2		<124,3
		Educação Física	65,5		
Área	Média e desvio padrão da área	179,2	109,7	-	
Total		Média e desvio padrão da UnB	115,4	105,1	-

Fonte: CESPE/UnB

Nota: * A relação de cursos em cada área é apenas ilustrativa. A relação completa encontra-se no Anexo. As médias e desvios padrão referem a todos os cursos em cada área.

Gráfico 1 - Vestibulandos cotistas da UnB (candidatos e aprovados) cuja mãe tem nível superior (%)

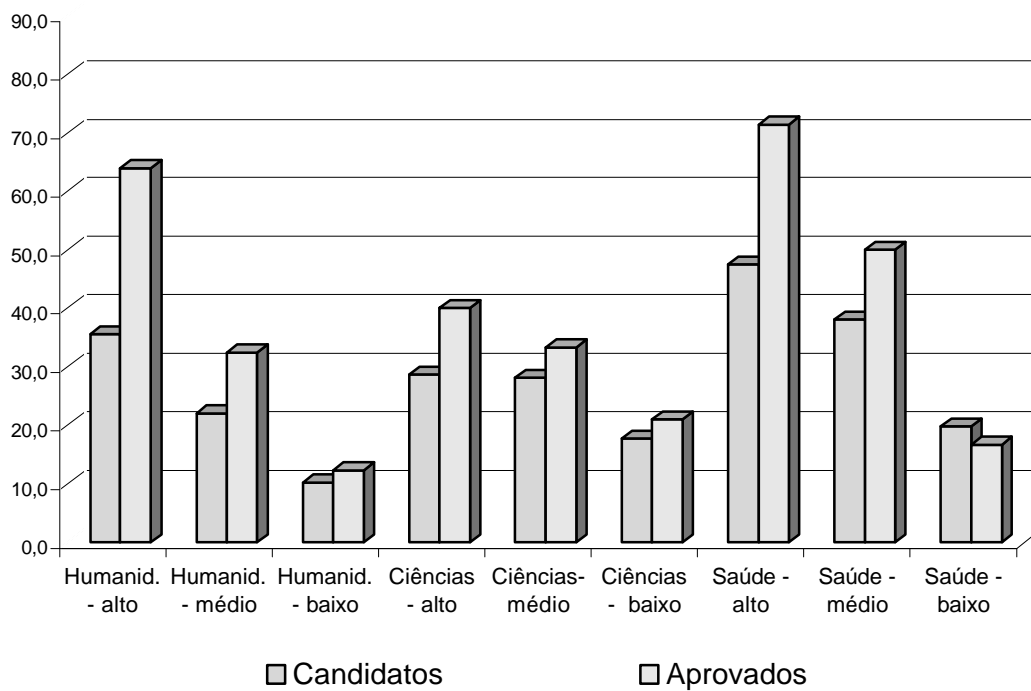


Gráfico 2 - Vestibulandos cotistas da UnB (candidatos e aprovados) que fizeram escola particular

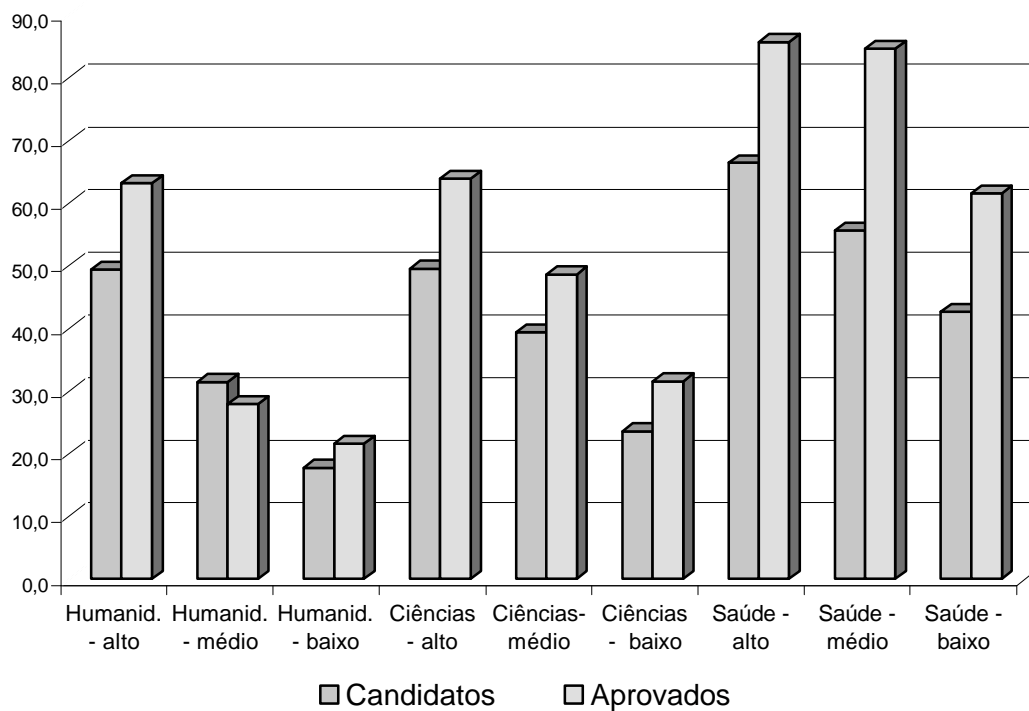


Tabela 2: Evolução da demanda por vagas em vestibulares da UnB, 2000-2004 (2º vestibular de cada ano)

Grandes áreas	Grupos	2000	2001	2002	2003	Média 2000-03	2004
Humanidades	Desempenho alto	23,6	23,9	22,7	21,4	22,9	25,2
	Desempenho médio	13,6	13,8	14,2	11,7	13,3	12,8
	Desempenho baixo	10,6	11,6	9,8	10,8	10,7	10,7
Ciências	Desempenho alto	14,0	17,7	15,6	14,2	15,4	14,5
	Desempenho médio	10,0	11,1	11,0	10,0	10,5	10,3
	Desempenho baixo	12,0	12,6	10,5	10,7	11,4	10,4
Saúde	Desempenho alto	54,9	68,4	63,1	64,4	62,7	72,7
	Desempenho médio	23,6	24,4	22,0	19,9	22,5	20,4
	Desempenho baixo	25,9	23,7	20,7	23,5	23,4	29,9
Total	Todos	15,6	16,7	15,5	14,7	15,6	15,8

Fonte: CESPE/UnB

Gráfico 3- Comparação da demanda em vestibulares da UnB (2º semestre): antes e depois das cotas

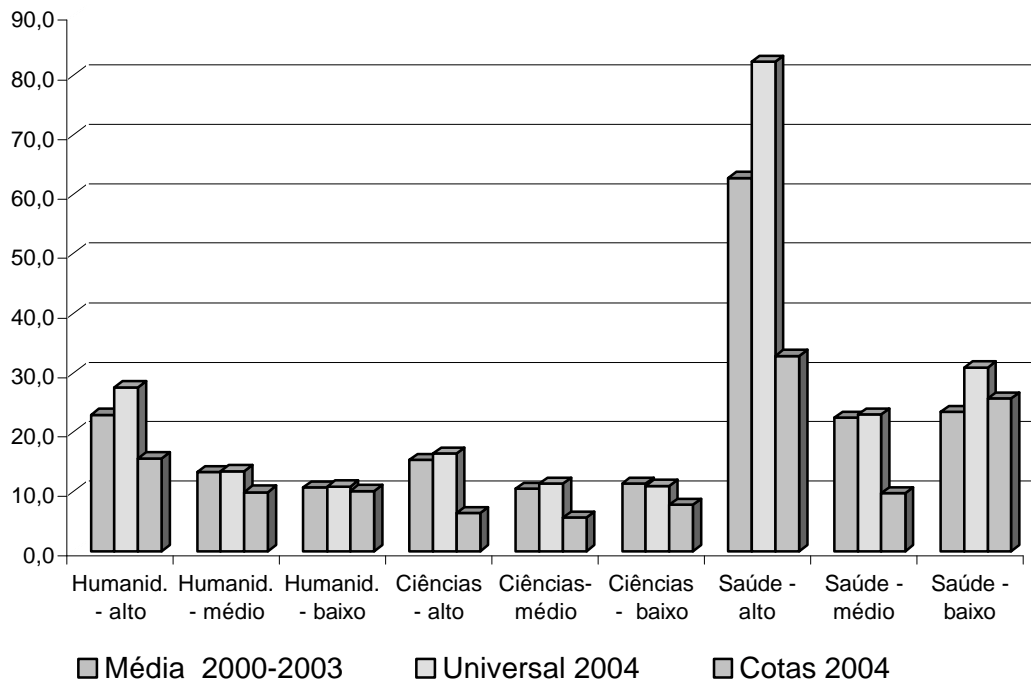


Tabela 3 - Candidatos ao vestibular UnB 2º/ 2004: médias dos argumentos finais e diferenças (%) por tipo de seleção e grupos de cursos.

Grandes áreas	Grupos de cursos	Tipo de seleção	Médias	Diferença universal/cotas (%)*	Cotistas no grupo (%)
Humanidades	Desempenho alto	Universal	31,0	1678%	11%
		Cotas	1,7		
	Desempenho médio	Universal	-23,1	53%	13%
Cotas	-49,0				
Ciências	Desempenho alto	Universal	32,1	144%	8%
		Cotas	13,1		
	Desempenho médio	Universal	-13,7	71%	9%
Cotas	-47,5				
Saúde	Desempenho alto	Universal	92,9	13%	9%
		Cotas	80,9		
	Desempenho médio	Universal	-9,7	73%	8%
Cotas	-35,9				
Total	Todos	Universal	7,6	129%	11%
		Cotas	-26,1		
		Total	3,8		

Fonte: CESPE/UnB

Nota:* Quando as duas médias são positivas, a diferença é calculada do universal (maior) em relação às cotas (menor), como no desempenho alto das Humanidades. Quando ambas são negativas, a diferença é calculada das cotas (mais negativa) em relação ao universal (menos negativa), como no desempenho médio das Humanidades. No cálculo da diferença para o total da UnB, as médias foram provisoriamente ajustadas: cotas= $-26,1 + (26,1 * 2) = 26,1$; universal= $7,6 + (26,1 * 2) = 59,8$.

Tabela 4 - Aprovados no vestibular UnB 2º/ 2004: médias dos argumentos finais e diferenças (%) por tipo de seleção e grupos de cursos.

Grandes áreas	Grupos de cursos	Tipo de seleção	Médias	Diferença universal/cotas (%)*
Humanidades	Desempenho alto	Universal	227,8	41%
		Cotas	161,2	
	Desempenho médio	Universal	106,7	140%
Cotas	44,5			
Ciências	Desempenho alto	Universal	243,7	41%
		Cotas	173,1	
	Desempenho médio	Universal	141,4	517%
Cotas	22,9			
Saúde	Desempenho alto	Universal	389,3	3%
		Cotas	376,4	
	Desempenho médio	Universal	188,5	95%
Cotas	96,7			
Total	Todos	Universal	127,0	92%
		Cotas	66,3	
			Total	115,4

Fonte: CESPE/UnB

Nota:* As diferenças foram calculadas do universal (maior) em relação às cotas (menor), exceto no caso em que uma média foi positiva e a outra, negativa (Humanidades, desempenho baixo). Neste caso foi feito ajuste análogo ao efetuado na tabela 3: sistema de cotas = $-24,4 + (24,4 \times 2) = 24,4$; sistema universal = $5,4 + (26,1 \times 2) = 54,2$.

Tabela 5: Vestibular UnB 2º/2004: simulação da aprovação de negros cotistas sem a vigência do sistema de cotas, cursos ilustrativos

Grande s áreas	Grupos de cursos	Cursos	Total de vagas (1)	Vagas para cotistas (20%) (2)	Negros aprovados sem sistema de cotas	
					N (3)	% do total vagas (4) = (3) / (2)
Humanidades	Desempenho alto	Direito - Noturno	50	10	5	10,0%
		Comunicação Social	60	12	3	5,0%
		Ciências Econômicas	40	8	0	0,0%
		Arquitetura e Urbanismo	30	6	0	0,0%
	Desempenho médio	Ciências Sociais	60	12	7	11,7%
	Desempenho baixo	Pedagogia	76	15	14	18,4%
		Serviço Social	30	6	6	20,0%
Ciências	Desempenho alto	Engenharia Mecatrônica	26	5	1	3,8%
		Ciênc. Biológicas (Bach./Lic)	30	6	2	6,7%
	Desempenho médio	Engenharia Civil	40	4	0	0,0%
		Agronomia	40	8	1	2,5%
	Desempenho baixo	Matemática (Bach./Lic.)	36	7	2	5,6%
Saúde	Desempenho alto	Medicina	36	7	4	11,1%
	Desempenho médio	Odontologia	20	4	2	10,0%
		Psicologia	36	7	3	8,3%
	Desempenho baixo	Educação Física	40	8	3	7,5%

Fonte: CESPE/UnB

ANEXO

Tabela A-1 - Vestibular UnB (2º/2004): agrupamento dos cursos pelas médias e desvios padrão dos argumentos finais dos aprovados.

Áreas	Grupos	Curso	Argums. Finais		Intervalos das médias			
			Médias	DP				
Humanidades	Desemp. alto	Direito - Not.	296,4	40,5	> 138,3			
		Relações Internacionais	248,0	31,1				
		Comunicação Social	194,9	46,2				
		Ciência Política	187,4	36,5				
		Ciências Econômicas	185,0	53,4				
			Arquitetura e Urbanismo	152,2	61,1			
	Desemp. médio		Desenho Industrial (Bach.)	138,3	56,9	<= 138,3 & >= 36,7		
			História	134,0	62,3			
			Administração	132,8	42,4			
			Administração - Not.	109,5	47,2			
			Letras - Tradução	97,1	67,6			
			Letras - Português (Bach./Lic.)	93,4	54,5			
			Ciências Sociais	91,5	44,2			
			Filosofia	85,6	75,2			
			Ciências Contábeis	76,5	40,0			
			Geografia	72,2	39,1			
			Letras - Português (Lic.) - Not.	69,8	43,5			
			Ciências Contábeis - Not.	52,6	57,4			
			Letras - Francês (Bach./Lic.)	51,2	87,0			
		Desemp. baixo		Letras - Espanhol (Lic.) - Not.	37,9		80,3	< 36,7
				Letras - Japonês (Lic.) - Not.	27,3		84,2	
				Letras - Inglês (Bach./Lic.)	27,1		53,8	
				Arquivologia - Not.	23,4		45,6	
			Serviço Social	22,1	38,9			
			Letras - Portug. Brasil 2ª Língua (Lic.)	20,1	41,7			
			Biblioteconomia	6,6	39,8			
			Artes Plásticas (Bach./Lic.)	3,9	47,8			
			Pedagogia	-5,5	33,7			
			Educ.Artística - Música (Lic.)	-10,6	61,1			
			Pedagogia - Not.	-16,3	45,6			
			Artes Plásticas (Lic.) - Not.	-44,2	77,3			
			Música (Bach.)	-47,8	84,9			
		Artes Cênicas (Bach.)	-59,6	46,3				
	Educ.Artística - Artes Cênicas (Lic.)	-67,8	61,2					
	Área Total	87,5	101,7					
Ciências	Desemp. alto	Engenharia Mecatrônica	286,7	69,6	> 185,8			
		Engenharia Elétrica	251,8	48,4				
		Ciência da Computação (Bach.)	233,0	53,3				
		Engenharia de Redes de Comunicação	216,9	45,6				
		Engenharia Mecânica	203,8	55,6				
			Ciências Biológicas (Bach./Lic.)	193,5	68,0			
	Desemp. médio		Física (Bach./Lic./Fis.Computacional)	165,6	70,7	<=185,8 & >=94,7		
			Engenharia Civil	148,5	71,6			
			Ciências Biológicas (Lic.) - Not.	123,2	69,1			
			Física (Lic.) - Not.	107,2	70,2			
			Química (Bach.)	102,8	77,6			
			Estatística	102,2	58,9			
	Desemp. baixo		Agronomia	96,4	59,9	<94,7		
			Matemática (Lic.) - Not.	85,7	65,4			
			Engenharia Florestal	84,1	49,8			
		Computação (Lic.) - Not.	78,2	63,4				
		Matemática (Bach./Lic.)	73,6	86,8				
		Química (Lic.) - Not.	72,3	39,9				
		Geologia	63,1	49,7				
	Área Total	140,3	91,1					
Saúde	Desemp. alto	Medicina	386,8	28,5	>234,1			
		Odontologia	196,7	58,1				
	Desemp. médio	Farmácia	191,0	55,5	<=234,1 & <=124,3			
		Nutrição	167,0	92,4				
		Psicologia	166,1	63,0				
		Medicina Veterinária	140,5	54,1				
	Desemp. baixo	Enfermagem e Obstetrícia	119,2	39,4	<124,3			
		Educação Física	65,5	37,5				
	Área Total	179,2	109,7					
Total UnB		115,4	105,1	-				

Fonte: CESPE/UnB

Tabela A-2 - Vestibular UnB 2º/2004: escolaridade da mãe dos vestibulandos cotistas por grupos de cursos (%)

Grandes áreas	Grupos de cursos	Candidatos			Aprovados		
		Até 1º Grau	2º Grau	Superior	Até 1º Grau	2º Grau	Superior
Humanidades	Desempenho alto	33,2	31,2	35,6	12,0	24,0	64,0
	Desempenho médio	44,6	33,3	22,1	33,8	33,8	32,4
	Desempenho baixo	60,0	29,8	10,2	58,9	28,8	12,3
Ciências	Desempenho alto	31,8	39,5	28,7	25,7	34,3	40,0
	Desempenho médio	35,9	35,9	28,2	27,8	38,9	33,3
	Desempenho baixo	44,4	37,9	17,7	39,5	39,5	21,1
Saúde	Desempenho alto	15,4	37,2	47,4	14,3	14,3	71,4
	Desempenho médio	25,7	36,2	38,1	19,2	30,8	50,0
	Desempenho baixo	38,7	41,5	19,8		83,3	16,7
Total	Todos	37,9	34,5	27,6	32,5	33,6	33,9

Fonte: CESPE/UnB